

Bullying: a ausência de enfrentamento e sua relação com a contemporaneidade

Bullying: the absence of confrontation and its relation with contemporaneity

Fernanda Rocsane Heidrich dos Reis; Danielle Irigoyen da Costa

Resumo

Frente aos desafios do momento contemporâneo, se faz presente e importante uma reflexão sobre os relacionamentos, mantendo uma postura crítica e ativa. O presente artigo objetivou realizar uma revisão bibliográfica, buscando uma possível relação entre um determinado tipo de manifestação comportamental, denominado *bullying* e a contemporaneidade. Foram utilizados artigos publicados entre os anos de 2004 e 2011, bem como livros tratando de questões sociais contemporâneas sob a luz da psicologia. Levando em consideração o tema proposto, conforme a revisão de literatura, aspectos das mudanças em que ocorreram neste processo social parecem estar, de fato, influenciando nas manifestações comportamentais com base violenta.

Palavras-chave: *Bullying*; escola; contemporaneidade

Abstract

Facing the challenges of the contemporary moment, how to reflect on relationships, keeping a critical and active? Before this point is that this article seeks to review literature, seeking a possible relationship between a particular type of behavioral manifestation, called *bullying* and contemporaneity. On this basis, the work proceeded according to selected concepts as contemporaneity, and school bullying with the intention of relating them, increasing the understanding. For such review articles were used to date between 2005 to 2011, as well as books dealing with contemporary social issues in light of psychology.

Keywords: *Bullying*; school; contemporaneity.

Introdução

O mal estar na atualidade vem sendo objetivo de estudo de muitos pesquisadores à luz da contemporaneidade. Mendes e Próchno (2004), já sugeriam da importância de verificar as mudanças ocorridas na sociedade pós-moderna e sua interferência na constituição subjetiva. Da mesma forma, Maciel (2005), alerta não somente aos cuidados referentes às mudanças sociais, como também nos convida a refletir sobre que tipo cidadania queremos ter como alvo. As diversas formas de subjetivação implicadas pelas mudanças de valores, bem como por alterações de cunho social, ampliando e diversificando as relações, se tornam aspectos relevantes e indispensáveis de estudo, uma vez que permeiam e dão significado à concepção de ser humano.

Com efeito, mediante uma leitura crítica destes trabalhos e das manifestações diversas da ordem do social, percebe-se uma complexa demanda de renovação deste objeto de estudo, já que, parece ter se perdido a referência de lugar, de um estado cultural, e também, de uma noção interna de si mesmo. A identidade humana, enquanto resultado de um processo cultural e simbólico, parece ter perdido raízes e se encontra na “berlinda”, entre um lugar e outro e, ao mesmo tempo, em lugar algum. Como sugere Schnitman (1996), a experiência e a transmissão de saberes e valores entre as gerações empobreceu-se, deixando um vazio manifesto entre as relações.

Por outro lado, vemos igualmente a força, em massa, dos meios de comunicação proporcionando uma experiência passiva da sociedade frente às demandas desse sujeito contemporâneo. Essa posição de espectador adquire um lugar mais uma vez vazio, que, circunstanciado num momento individualista, resulta em afastamento, negação e alienação aos processos de mudança ao seu redor. Tal comportamento provoca um

processo de subjetividade patológico, uma vez que, a formação da concepção de ser humano se dá em dupla mensagem, ou seja, diante do espetáculo se lamenta, mas, ao mesmo tempo se adormece e se distancia (SCHNITMAN,1996).

Na realidade, a sociedade está diante de diversas situações que exigem resoluções rápidas, sendo assim, na medida em que esse homem individual e social se percebe como sendo parte deste processo gera-se muita angústia, para tal, a negação servirá como forma de proteção e a alienação o resultado deste confuso cenário contemporâneo. A esse respeito, entra em “cena” uma das diversas formas de manifestações comportamentais contemporânea, que eclode de maneira violenta, dando voz à situação de mal estar na atualidade. Esse espetáculo, no qual assistimos, e que neste trabalho relaciono ao *bullying*, está cada vez mais chamando a atenção de especialistas, pesquisadores, bem como da população de um modo geral, e da mesma forma, parece estar ausente de enfrentamento (MORIN, 1988).

Comportamentos violentos como forma natural de diversão e prazer, denotam poder e exemplificam a precariedade das relações atuais. Desta forma, a falta de limites, a troca de valores, bem como a ausência ou a precariedade de afeto e comprometimento na formação estruturante dos sujeitos, pode estar agora, colhendo seus frutos. Com efeito, se não dermos a devida atenção a isto, corremos o risco de cristalizar este padrão social que preconiza o individualismo, podendo potencializar comportamentos que passam ao ato de forma violenta (CARVALHOSA, 2001).

Com base nisso, o presente trabalho objetiva fazer uma reflexão sobre estes parâmetros comportamentais contemporâneos e sua relação ao *bullying*, considerando aspectos de uma sociedade (sujeito social) que parece proporcionar reações agressivas e,

da mesma forma, tolerar o intolerante reagindo de forma a negar tais comportamentos, ficando em posição de expectador. Diante do risco de tornar tais cenas naturais, proporcionando sua propagação, é de grande importância que se reflita e, inclusive que se aja, de fato, sobre essa demanda criada por nós mesmos. Do mesmo modo, foi proposta deste estudo utilizar para os fins acima mencionados, artigos entre o período de 2004 a 2011, e livros que abordassem aspectos desta atual sociedade com um viés crítico e reflexivo.

Para transcorrer sobre este tema, arrisca-se aqui uma abordagem que lembre uma cena de teatro, já que se mencionou alguns teóricos que propõem uma relação contemporânea baseada no expectador, na experiência passiva dos acontecimentos atuais. Com isso, em cena está a própria contemporaneidade, e o protagonista, neste trabalho será o *bullying*, como uma forma de manifestação contemporânea. Para incorporar ainda mais o trabalho (o espetáculo), mostrando a complexidade da trama das relações, coloca-se em cena também a escola, numa proposta de reflexão sobre sua importância como agente de mudança, mas que por ora, parece manter o sintoma social vigente. Termina-se na intenção de relacionar tais conceitos, tais atores sociais, na incessante busca de reflexão sobre este momento, e igualmente, na busca por um agir ativo e crítico.

Em cena, Contemporaneidade....

A sociedade contemporânea, diante das imensas transformações que vem ocorrendo, revela significativas marcas no relacionamento interpessoal. Diante disso, vemos relações que implicam no transbordamento dos sentimentos sobre forte ato de violência, e, analogamente, a contemplação deste cenário como uma forma de negação ao que se passa no meio social. Desta forma, o mal-estar nessa atualidade se revela como uma

caixa de surpresas, na medida em que sabemos e enxergamos todos os benefícios e infortúnios dessa época marcada por mudanças. Mas abri-la significa também, se haver com toda a dor e reconhecimento de cada um enquanto sujeito pertencente a isto, está instaurado então o mal-estar, o desconforto (JAEGER, 2004; BIRMAN, 2009).

A transformação dos processos de relacionamento, dos valores transmitidos por gerações, bem como das formas de formação de vínculos de cuidado, vem sendo muito estudado e analisado por diversos pesquisadores a luz da contemporaneidade. Segundo Passos (2007), se por um lado temos a gigantesca onda da genialidade racional humana na busca por avanços científicos e tecnológicos, por outro, esta mesma razão está pondo em risco a condução deste meio, uma vez que se instaura como relação de poder decorrente desta engenhosidade de desenvolver ciência e tecnologia. Portanto, este mesmo homem que intenciona uma revolução humana na esfera biotecnológica, põe em risco as relações de cuidado e de comprometimento com o outro, criando uma ideologia individualista, colaborando com uma imagem do “ter” transcendendo o “ser” (PASSOS, 2007).

Em decorrência disso, Novinsky (2010), em um estudo sobre a concepção do ser humano, sugere que as forças profundas que poderosamente determinam a vida, são as pulsões. Sendo assim, para Zimerman (2010), as pulsões que emergem de forma a garantir a sobrevivência, no intuito de manter a vida, atinge o ápice de limite interno, decorrente inclusive da fragilidade das relações, transbordando de forma a atuar em meio social através de comportamentos agressivos e impulsivos contra os outros.

Para Morin (1988), colocando o objeto de estudo em meio social, o homem defronta-se diariamente com questões que exigem resoluções imediatistas. Diante dessa ansie-

dade em dar conta efetivamente de suas demandas, corre-se o risco de preferir negar a enfrentar, pondo em pauta uma situação menos humana de acomodação e ausentando-se dos processos de transformação cultural.

Uma prática instrumentalizada por estas questões, acima referidas, vem crescendo cada vez mais, emergindo de forma a dar voz à situação que está se passando. Essa prática, nomeada como *Bullying*, vem determinando padrões de relacionamentos interpessoais baseados em relação de poder e alienação. Este fenômeno, que causa sentimentos ambivalentes de lamentação e afastamento, denota desde já sua complexidade, uma vez que, sua análise implica na reflexão própria de atos e sentimentos, bem como a idéia de pertencer a esta causa. (Idem).

O Protagonista... *Bullying*

Segundo Fante (2010), o fenômeno é um dos temas mais estudados em todo mundo, demonstrando seu caráter complexo. Desperta curiosidade entre profissionais de diferentes áreas do saber, o que parece ser crucial para também agilizar formas de intervenção e prevenção. Para este mesmo autor, *bullying* é uma forma de violência entre pares, acontecendo na maioria dos casos entre jovens em ambiente escolar. Caracteriza-se pela intenção e duração das agressões, resultando em sofrimento e em relação de poder, já que há uma forma de desigualdade.

Já definido como um problema de saúde pública, esta prática vem limitando o elenco não só escolar como também a sociedade de um modo geral. São cenas de brincadeiras perversas com notas de crueldade que fazem emergir o processo social que se instaura. Ao mesmo tempo, silenciando uma postura mais ativa diante deste fenômeno, aprende-se a tolerar estas formas de violên-

cia, dando vazão ao desrespeito, preconceito e ao aumento crescente do número e da gravidade das cenas vivenciadas e, desta forma, “engolidas”. (SILVA, 2010).

Para Silva (2010), o termo *bullying* é pouco conhecido, uma vez que o mesmo se emprega nas práticas de violência entre pares americanos, sendo desta forma, de origem inglesa. Em nosso contexto a nomeação se faz presente para qualificar práticas comportamentais violentas em meio escolar. Dentre elas, Silva (2010), destaca as agressões, assédios, e ações desrespeitosas realizadas de forma intencional para com as vítimas, alimentando muita dor e sofrimento.

Entende-se por *bullying* os seguintes comportamentos:

(...) bater, empurrar, dar pontapés, insultar, chamar nomes, faltar ao respeito, espalhar histórias humilhantes, contar segredos, ameaçar – enviar mensagens ameaçadoras; mentir para implicar, excluir – ignorar o colega; roubar com recurso à força, furtar objetos (roubo sem que seja percebido pela criança ou jovem que tem os objetos em seu poder ou, sendo percebido não foi assumida qualquer reação); pedir dinheiro, não tendo qualquer intenção de devolver (FARENZA, 2008).

Segundo o Projeto de Lei do Senado de 2010, (fonte disponível nas referências) o fenômeno vem ocupando espaço crescente entre os profissionais de diversas áreas do conhecimento. Caracterizam como *bullying*, um extenso leque de comportamentos violentos e sistemáticos em escolas e outros ambientes sociais, com manifestações do tipo de insultos, intimidações, apelidos pejorativos, humilhações, amedrontamentos, isolamento, assédio moral, além da violência física. Enfatizam também os efeitos de tal prática na presença de sofrimento por parte das vítimas, insistindo em diversos

dispositivos como da Constituição, do artigo 227 tratando do dever familiar, bem como do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como meios de proteção e de deveres em âmbito social.

Em um estudo recente (Moura, Cruz e Quevedo, 2011), realizado com 1.075 estudantes em duas escolas públicas de ensino fundamental, em Pelotas (RS), verificou-se a prevalência de 17,6% de comportamentos em forma de *bullying*. Segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011), o tipo de intimidação mais freqüente foi o verbal seguido do físico, emocional, racial e sexual.

Para Silva (2010), as conseqüências mais comuns como resultado destas vivências levam a quadros clínicos que se dão em forma de sintomas psicossomáticos, dentre eles: dor de cabeça, cansaço crônico, dificuldades de concentração, palpitações, entre outros. Da mesma forma, a autora destaca transtorno do pânico, caracterizando-se pelo medo e ansiedade que se emerge do nada, sendo acompanhado por diversos sintomas físicos, (taquicardia, calafrios, boca seca, suores, entre outros). Igualmente caracteriza a fobia escolar como forma de medo intenso de freqüentar a escola, resultando em faltas recorrentes e dificuldades de aprendizagem. Além de fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, TOC- transtorno obsessivo compulsivo, e finalmente, transtorno do estresse pós-traumático.

Mergulhar nas causas do fenômeno é um bom começo para se entender o problema e pensar em sua prevenção. Segundo Novinsky (2010), é preciso estarmos atentos às mudanças significativas que vem ocorrendo, de forma a compreender os valores e as visões de mundo que as acompanha. Sendo assim, entender o processo social que se instaura e, paralelo a isto, levantar aspectos dos processos de subjetivação formados é, de fato, necessário.

Do mesmo modo, o fenômeno referido é um assunto muito recente em nossa sociedade, devendo ser estudado e analisado, levantando possibilidades de intervenção e prevenção para que não se equipare a violências entre jovens americanos, por exemplo. Mesmo diante de sua recente manifestação, as ocorrências de fato estão assustando, uma vez que o número cresce cada vez mais (Nogueira, 2008). O fato de mantermos a nomenclatura, como sendo parte da nossa realidade, desde já denota a complexidade da aceitação e da ausência do enfrentamento da questão, uma vez que dar um nome ao fenômeno, contextualizando-o, implica em reflexões que transcendem a técnica. Denota um esforço que perpassa a identidade de cada um, sendo desta forma, mais confortante abstrair-se da questão. A esse respeito, Silva (2010) destaca a importância de tornar consciente a problemática, mas acima de tudo, de se fazer presente uma postura crítica e participativa diante do problema e de suas conseqüências, formando, como a autora sugere, cidadãos mais produtivos e solidários.

Deste modo, entra em cena uma importante participação nesta peça a qual estamos assistindo, ou seja, a escola. Neste sentido, Ferenzena (2008) vem significar, com base na contemporaneidade, essa instituição que neste momento “se boicota”. Isto é, diante de seu papel social estruturador das relações, está presente uma relação de coisificação, como diria Bauman (2007), que supera as expectativas sociabilizadoras baseadas no respeito e cooperação e emerge de forma a dar continuidade ao que o padrão social define por certo, baseado no individualismo e relações de poder.

Atores.... instituição escola na complexa trama contemporânea...

Emergindo de forma a dar significado às relações, a escola desempenha um papel fundamental neste quadro contemporâneo

que pintamos. Necessária não apenas para desenvoltura cognitiva, essa instituição ganha brilho quando se insere de modo a dar propriedade na convivência humana, favorecendo o aperfeiçoamento do desenvolvimento. Neste contexto, reúnem-se a diversidade tanto das características individuais, como da intensidade das relações em convivência, abrangendo questões de regras e valores, e permeando conflitos e diferenças (Mahoney e Almeida, 2006). A escola preconiza desta forma, propiciar recursos ampliando intelectual, social e culturalmente o desenvolvimento humano (REGO, 2003).

Tratar destas tarefas educativas teoricamente parece uma proposta tentadora e demasiadamente fácil. No entanto, a vivência destas atividades na integralidade da ação se torna complexa, uma vez que como mencionado anteriormente, lidamos com relações contemporâneas paradoxais. Mesmo que se saiba da importância que tem a escola em cunho social, é necessário que se faça uma adaptação desta realidade e que se considere o momento cultural, para que desta forma, esse contexto não sirva como repetição do sintoma social vigente (FARENZA, 2008).

E que sintoma seria esse? Que momento é este na qual transitamos e que nos causa tanto mal estar? Melman (2003), já dizia que estamos cheios de desejos, que queremos viver em um mundo onde nossas necessidades são satisfeitas instantaneamente, já não temos mais tempo para o desejo. Há muito se discute alguns sinais de mudança em que a sociedade vem passando. São características, comportamentos, entre outros aspectos de relacionamentos que começaram a esboçar variáveis de transição. A contemporaneidade parece estar marcando exatamente esta questão, uma vez que passa a ser regida pela ausência do representante da lei, contrapondo um laço social

anterior que se baseava pela constituição de lei (MELMAN, 2003)

Para tanto, o que podemos observar é que esse laço perdido, baseado em lei, carrega consigo marcas de repressão intensa, aspecto que, durante este processo de mudanças, levou a uma radical transformação para permissividade. Risco corrido foi que a educação perigosamente seguiu essa via abrindo mão de sua função primordial, renunciando responsabilidades a custo de um falso bem estar baseado na satisfação instantânea de desejos e necessidades.

Freud (1932) já sinalizava este perigo diante da permissão excessiva. Para ele era de suma importância que a criança aprendesse a controlar seus impulsos internalizando noções de lei e limite, uma vez que a liberdade destes ocasionaria em graves problemas futuros em termos de relacionamento. Diante disso, percebe-se uma das funções essenciais da escola enquanto estruturação dos sujeitos, inibir e proibir. Educação esta fundante de lei e representante de laços afetivos baseados no respeito ao outro e consideração as diferenças. Educação que integrada às demais questões pedagógicas dariam a idéia de totalidade do sujeito ao contemplar sua complexidade enquanto ser biopsicossocial.

Tal perspectiva acaba por nos colocar diante da problemática *bullying*, tentando dar corpo não só ao entendimento do fenômeno inserido contextualmente, mas experienciando alternativas de intervenção e prevenção. Vemos-nos frente a uma tarefa que demanda mais do que simplesmente refletir sobre, mas sim nos colocar atuantes nesse processo, buscando o ponto ótimo da educação, como coloca a psicanálise, otimizando o máximo com o mínimo de perigo. Esse mínimo de perigo pode ser relativo ao risco que se corre ao se ausentar da questão, mantendo uma postura passiva diante de

um sintoma social importante emergido também com o *bullying*. (GOLA, 2001).

Considerações Finais

Finalizar este trabalho, diante dos aspectos levantados é, de fato, um desafio interessante. Reflexões, bem como críticas de como se encontra nossa atualidade, dão conta até certo ponto, na medida em que em que traz a tona o que incomoda. No entanto, parece que estas situações exigem mais do que encenações, busca-se enfrentamento. Se por um lado temos a problemática permissividade, do outro temos a alienação. E que, de fato, uma paralela a outra parece estar marcando o padrão social vigente. Uma leva ao transbordamento das emoções, marcada inclusive pela falta de contato com a realidade e referência. A outra mantém calada e estagnada a ação, paralisando e renunciando o enfrentamento da condição civilizatória.

Apesar da complexidade da problemática *bullying*, o desafio é importante uma vez que permeia diversas esferas sociais, potencializando uma intervenção positiva quando dada em seu sentido amplo. Desta forma, a encenação passa a ser um agir, transforma-se em comprometimento diante da totalidade do sujeito atual, dando importância a sua complexidade. Vislumbrar, por exemplo, a escola em parceria com a família, dando suporte e acolhimento as demandas por esta trazida, acarretaria em considerações cidadãs de um agente significante na formação social.

Segundo Nogueira (2005), para se refletir sobre esta questão é fundamental que se oriente as famílias na busca por conscientização e discussão a respeito. Do mesmo modo, os pais devem ser escutados e orientados em questões de limite e convivência saudável intrafamiliar. Diante desta proposta, já se percebe a extensão da intervenção, uma vez que necessita da parceria entre

diversos atores sociais. Para que se discuta e se pense a respeito, buscando meios integrados de atuação, se faz necessária disposição para tal, saindo da zona de conforto e da passividade. Esse lugar de referência, esvaziado até o momento, necessita de uma ocupação dando suporte à condição interna de sujeito social, inserido, de fato, nas adversidades de seu meio. Isso, segundo Marin (2001), seria proteção, e arrisco acrescentar que, no atual momento, isso também seria prevenção.

No entanto, diante destas demandas, a ação de acolher implica também, como sugere Marin (2001), estar atento lidando com cuidado na forma de interpretar e intervir frente a estas. Quando nos damos conta das faltas, igualmente percebemos que buscar um culpado para isso (no caso, só culpabilizar a família), é um equívoco, já que denuncia novamente a ausência do enfrentamento e da participação neste cenário social.

Em meio a uma sociedade que preconiza a ação individual, a rápida resolução dos problemas, bem como a manifestação instantânea do desejo, a questão narcísica está apontada já que o não dar conta disto, lembra a idéia de fracasso. Para Marin (2001), culpabilizar individualmente o sujeito e sua ferida narcísica, é aumentar ainda mais seu distanciamento do conflito. Para essa mesma autora, uma intervenção adequada poderia se dar em termos de ação social, resgatando um laço perdido de referência enquanto lugar, lei e pátria. Conseqüência disto seria um sentido de pertencimento, podendo minimizar pulsões de sobrevivência que transbordam de forma violenta.

Diante deste estudo fica a impressão de que a manifestação comportamental, por ora definida como *bullying*, é uma dentre as mais diversas em que estamos vivenciando. A sua relação com o momento atual é significativa, já que parece ser a conseqüência de incessantes conflitos diante das mudanças

que passamos. Todo estudo e reflexão são válidos, uma vez que tentam dar corpo ao que se sente, no entanto, pode-se perceber igualmente uma necessidade importante de movimentos em forma de agir. Dando suporte e estruturando sujeitos mais cidadãos.

Conclui-se o trabalho, focando na importância de se desprender da posição de espectador, substituindo o protagonismo manifesto de violência por protagonistas cidadãos e solidários, atores participantes de uma sociedade saudável. Pequenas mudanças no comportamento, como uma escuta mais atenta, um acolhimento com propriedade, podem aos poucos dar conta desta falta de referência e pertencimento. A aceitação também pode começar pela consciência de que todos participamos, de alguma forma, das mais diversas formas de construções sociais. Desta forma, somos parte de um bem comum, na busca de relações mais respeitadas e com menos passagens ao ato de forma violenta e desconstrutiva. Narciso quando não conseguiu olhar para o diferente, quando não aceitou o que de fora poderia lhe aprimorar, se apaixonou por ele mesmo.... e morreu.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARVALHOSA, S. F. de; LIMA, L. e MATOS, M. G. de. *Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português*. *Aná. Psicológica*, out. 2001, vol.19, no.4, p.523-537. ISSN 0870-8231. Disponível em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v19n4/v19n4a04.pdf>. Acesso em 05.05.2011.

CARVALHOSA, S. F. de; LIMA, L.; MATOS, M. G. de. *Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português*. *Aná. Psicológica*. [online]. out. 2001, vol.19, no.4 [citado 09 Maio 2011], p.523-537. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php>. Acesso em 09.05.11.

FANTE, C. *Bullying em ambiente escolar*. *Revista Jurídica Consulex*. Disponível em <http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf>. Acesso em 09.04.11.

FARENZA, R. C. *O bullying na escola: a infância (EN) contra a infância*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais.pdf>. Acesso em 19.03.11.

FREUD, S. *Novas Conferências Introdutórias (1932)*. In *Obras Completas, Edições Standard Brasileira, Imago Editora Ltda*. Rio de Janeiro, 1969.

GOLA, M. de F. M. *A criança, a escola e o processo de aprendizagem; in: A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares*. Maria Cecília Mazzilli Comparato, Denise de Souza Feliciano Monteiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LUCK, H. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos - metodológicos*. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MACIEL, Maria Regina. *Sobre a relação entre Educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação*. *Interface (Botucatu)* v.9 n.17 Botucatu mar./ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em maio 2011.

- MAHONEY, A. A., ALMEIDA, L. R. de (Org), Henri Wallon: psicologia e educação. 6° Edição, Ed.: Loyola, São Paulo, 2006.
- MARIN, I. K. Menino de casa. In: A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares. Maria Cecília Mazzilli Comparato, Denise de Souza Feliciano Monteiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MELMAN, C. O Homem sem Gravidade – gozar a qualquer preço. Companhia de Freud Editora - Rio de Janeiro, 2003.
- MENDES, Elzilaine Domingues.; PRÓCHNO, Caio Cesar S. C. Corpo e novas formas de subjetividade. Psyche (São Paulo) v.8 n.15 São Paulo dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382004000200009&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em maio 2011.
- MORIN, E. A natureza humana: o paradigma perdido.4.ed., Lisboa, Europa – America, 1988.
- MOURA, D. R. de; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. de Á. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre,v.87,n.1, Feb.2011. Disponível em-<<http://www.scielo.br/scielo.php> Acesso em 09.05.11.
- NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. Educação e Realidade, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/6850/4121> Acesso em 10.09.11.
- NOGUEIRA, R. M. C. del P. de A. A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas. Revista Iberoamericana de educación. N° 37, 2005. Disponível em:
- NOVINSKY, L. W. A concepção do Ser Humano e a Educação para a Tolerância. Leonardo Brandt – Alfabetização áudio-visual in - Cultura e Mercado. Curso Virtual “Educação para a Tolerância: Contribuições Psicanalíticas”. out. a dez. 2010.
- PASSOS, E. Bioética: uma nova orientação ética, in, Ética e Psicologia: teoria e prática.1.ed. São Paulo: Vetor, 2007.
- Projeto de lei do senado 2010. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/matepdf/89285.pdf> Acesso em: 10.09.11.
- REGO, T. C. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades. Ed.: Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.
- SCHNITMAN, D.F. Novos Paradigmas Cultura e Subjetividade. 1.ed. Artmed, 2006.
- SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano. São Paulo, v. 20, n. 3, 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em 09 maio 2011.
- SILVA, A. B. B. Bullying: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva,2010.
- ZIMERMAN. D. E. Os quatro vínculos. Artmed, 2010.

Fernanda Rocsane Heidrich dos Reis

Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.

Danielle Irigoyen da Costa

Psicóloga, Especialista em Neuropsicologia, Mestre e Doutoranda em Neurociências (PUCRS). Docente do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.